



## CHARGES DE ANGELI, UM ESTUDO EM ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

### ANGELI CHARGES, A STUDY IN CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

Silmara Siqueira Batistel<sup>1</sup>

Gustavo Biasoli Alves<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo consta análise de duas charges de Angeli, veiculadas na Folha de São Paulo, sob o enfoque da Análise Crítica do Discurso. O estudo das charges concerne à dicotomia humor/política que permeia os principais suportes de comunicação midiática. Logo, faz-se pertinente compreender o contexto em que as charges foram produzidas, visando a descortinar os valores que a caracterizam e que compõe o estilo do gênero, bem como do autor. Discutimos os conceitos de discurso embasados na acepção teórica da ACD, mais precisamente, nos estudos de Dijk (1993) e suas considerações acerca das categorias Acesso, Ideologia, Poder e Modelos Mentais que permeiam os discursos. Desse modo, entendemos que o discurso constitui uma forma de poder social e que, portanto, reproduz e denuncia as contradições sociais existentes e confirma a máxima de que todo discurso é ideológico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise Crítica do Discurso, charge, humor, política).

**ABSTRACT:** In this article it analyzed two charges of Angeli published in Folha de São Paulo, under the focus of the Critical Discourse Analysis. The study of the charges concerns to the dicotomy humor/politics that permeates the main supports of media communication. Therefore, it is pertinent to understand the context in that charges were produced, seeking to analyse the values that characterize it and that composes the style of the gender, as well as of the author. The discourse concepts based in the theoretical meaning of ACD will discuss, in fact, in the studies Dijk and its considerations concerning the categories Access, Ideology, Power and Mental Models that permeate the discourses. Therefore we understood that the discourses constitutes a form of social power and, therefore, it reproduces and it denounces the existent social contradictions and it confirms the maxim that every discourses is ideological.

**KEY-WORDS:** (Critical Discourse Analysis, charge, humor, politics).

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste.



Este artigo justifica-se por meio da relevância do estudo e análise do que se denomina discurso político, mais precisamente o discurso que encerra o gênero chárstico. Neste enfoque teórico, entendemos o discurso como manifestação social que perpassa os conceitos de Hegemonia, Ideologia, Poder, Domínio, Controle e Modelos Mentais, categorias discutidas por Dijk (1993) e que permeiam as relações sociais.

A Análise do Discurso, na abordagem crítica, visa a demonstrar que qualquer manifestação linguística emerge da transformação cultural da sociedade e desvela a conflituosa relação do sujeito com o meio social. A linguagem, por conseguinte, é definida como formadora de representações e de significações, o que, inevitavelmente, significa considerar como norteador das práticas discursivas sociais, históricas e culturalmente situadas - o contexto.

Logo, objetivamos estudar o discurso como produção de efeitos de sentido materializados em práticas discursivas que se manifestam por meio de relações sociais interceptadas pelo imaginário cultural que as sustenta. Para tanto, selecionamos duas charges de Angeli, publicadas na Folha de São Paulo. Também pretendemos refletir acerca das correlações pertinentes à linguagem, ideologia e poder que constituem os discursos.

#### AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA ACD

As contribuições de Dijk sobre as categorias de análise denominadas Acesso, Ideologia, Poder e Modelos foram utilizadas para desenvolvimento desta pesquisa. Conforme Dijk (1999, p.23), a Análise Crítica do Discurso consiste em:

“un tipo de investigación analítica sobre el discurso que estudia primariamente el modo en que el abuso del poder social, el dominio y la desigualdad son practicados, reproducidos, y ocasionalmente combatidos, por los textos y el habla en el contexto social e político”.



Neste enfoque, a contribuição efetiva para que ocorra resistência às desigualdades sociais concerne no objetivo da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD). Dentre as inúmeras contribuições da ACD podemos citar os estudos com o intuito de compreender as relações entre o discurso e a sociedade, cujo conteúdo linguístico/discursivo expressa a reprodução do poder e, em consequência, da desigualdade social. A Análise Crítica do Discurso vislumbra entender como os grupos dominados resistem ou não ao estabelecimento, manutenção, legitimação ou domínio dos grupos dominantes.

Nesse sentido, Dijk (1999, p.24-25), embasado nos estudos de Fairclough e Wodak, apresenta alguns princípios básicos da ACD:

1. El ACD trata de problemas sociales.
2. Las relaciones de poder son discursivas.
3. El discurso constituye la sociedad y la cultura.
4. El discurso hace un trabajo ideológico.
5. El discurso es histórico.
6. El enlace entre el texto y la sociedad es mediato
7. El análisis del discurso es interpretativo y explicativo.
8. El discurso es una forma de acción social.

A concepção de Dijk (1999), no que tange à relação ideologia e discurso, aponta para a relevância da cognição neste processo que engendra a prática discursiva:

“as ideologias são modelos conceituais básicos de cognição social, partilhados por membros de grupos sociais. (...) Para além da função social que desempenham ao defender os interesses dos grupos, das ideologias têm a função cognitiva de organizar as representações sociais (atitudes, conhecimentos) do grupo, orientando assim, indiretamente, as práticas sociais relativas ao grupo”. (DIJK, 1997: 107-108).

Somos capazes de influenciar a mente do outro, seus conhecimentos e suas opiniões, bem como controlar indiretamente algumas de suas ações. Logo, na relação dominantes/dominados há maior possibilidade de controle das mentes e ações dos outros para os grupos que controlam os discursos mais influentes. Dijk (1999, p 26) salienta:

[...] los grupos tienen (más o menos) poder si son capaces de controlar (más o menos), en su propio interés, los actos y las mentes de los (miembros de) otros grupos. Esta habilidad presupone un poder básico consistente en el acceso

**Silmara Siqueira Batistel**  
**Gustavo Biasoli Alves**



privilegiado a recursos sociales escasos, tales como la fuerza, el dinero, el estatus, la fama, el conocimiento, la información, la “cultura”, o incluso varias formas del discurso público y de la comunicación (de entre la vasta literatura sobre el poder) (DIJK,1999, p. 26).

Os estudos da ACD centram-se nas relações de domínio ou no abuso de controle do grupo dominante sobre o discurso do grupo dominado. Assim, o grupo dominante atua a fim de comandar as crenças e ações dos grupos dominados. Dijk (1999, p.27) afirma que “el discurso funciona en la reproducción del poder y del dominio en la sociedad”.

O arcabouço teórico da ACD visa a subsidiar o sujeito a resistir contra o domínio, segundo Dijk, (1999. p. 32). Logo, entender e analisar a reprodução do domínio e da desigualdade social advindos do discurso constitui um dos objetivos dos analistas críticos do discurso. No tocante ao controle, assevera que:

Más concretamente, el ACD estudia su papel en dichos procesos: los grupos poderosos tienen acceso preferente al discurso público y lo controlan, y a través del discurso controlan las mentes del público, en el sentido amplio. Esto no solo significa que mucha gente interpretará el mundo del modo en que los poderosos o las elites se lo presentan, sino también que actuará (más) en consonancia con los deseos y los intereses de los poderosos.

Os grupos dominantes exercem o domínio e o poder a partir do controle discursivo da mente dos grupos dominados, os quais não têm opções de discurso para avaliar o que é dito pelos poderosos. A limitação da liberdade impede os dominados de pensarem ou fazerem o que querem, visto que “esbarram” no domínio e no controle dos outros, devido à falta de acesso a discursos que promovam a superação do domínio. Ainda no que remete a definição de poder, que ocorre por meio do controle da mente e da ação dos dominados, Dijk (1999, p. 32) aponta:

“[...] el abuso del poder o el dominio se caracterizan en los términos de los intereses de los poderosos, el discurso puede también contribuir a la confirmación, o incluso al incremento, del desequilibrio en la igualdad social, y por consiguiente a la reproducción de la desigualdad social.”

É importante ressaltar que o conhecimento é socialmente compartilhado. O que sabemos sobre o grupo, a cultura, os objetos e a organização da sociedade pauta-se no geral e no abstrato.

**Silmara Siqueira Batistel**  
**Gustavo Biasoli Alves**



O conhecimento social é compreendido por crenças consideradas verídicas (historicamente transformadas) por um grupo ou cultura.

O controle da mente depende do contexto e dos participantes envolvidos nas interações sociais. Os modelos subjetivos de contexto controlam as crenças dos participantes, o cenário, os atos sociais, as relações entre os envolvidos na interação, os papéis que estes exercem na atividade social e comunicativa, a definição da situação e a influência do discurso.

Desta feita, compreendemos que o discurso imiscui-se à estrutura social. Portanto, deve ser analisado a partir do que se estabelece no processo de interação entre os sujeitos, os quais pertencem a instituições e grupos que integram a sociedade em sua totalidade. Logo, para desvendarmos os sentidos do discurso faz-se imprescindível extrapolar os limites linguísticos e estudá-los em consonância com o contexto social em que são produzidos.

É essencial o acesso aos recursos midiáticos e, conseqüentemente, aos discursos neles veiculados, pois o acesso ao conhecimento e a informação estão atrelados ao controle exercido de um grupo sobre o outro. Conforme expõe Dijk:

“Hemos visto que, entre muchos otros médios que definen el poder básico de un grupo o de una institución, también el acceso al discurso público y a la comunicación, y su control, son un importante recurso “simbólico”, como sucede con el conocimiento y la información”. (DIJK, 1999, p.27).

Os representantes de grupos ou instituições poderosas, isto é, os dominantes, têm acesso quase exclusivo aos discursos públicos e, muitas vezes, controlam tais meios. Assim, segundo o analista crítico do discurso:

Aquellos que gozan de mayor control sobre más y más influyentes discursos (y sobre más propiedades discursivas) son también, segun esta definición, más poderosos. Dicho de otro modo, proponemos aqui una definición discursiva (al igual que un diagnóstico práctico) de uno de los constituyentes del poder social. (DIJK, 1999, p.27).

Segundo este autor no que tange ao poder exercido de um grupo sobre o outro:

**Silmara Siqueira Batistel**  
**Gustavo Biasoli Alves**



[...] um grupo exerce domínio sobre o outro se apresenta poder social sobre ele e se abusa de tal poder para satisfazer seus interesses e atuar contra os interesses dos grupos dominados. O “abuso” pode ser definido como uma quebra das leis, regras, normas, princípios ou acordos que regulamentam as ações e interações sociais aceitáveis ( DIJK, 1993, p.524, tradução nossa).

Contudo, os grupos dominados podem resistir ao domínio, caso o grupo dominante tenha pouco poder. A resistência dos grupos dominados ao exercício de poder dos dominantes pode ocorrer por intermédio da ampliação do acesso aos recursos socialmente valorizados.

Nos estudos de Dijk (1991), o acesso aos espaços discursivos dos meios de comunicação constitui dado relevante, porque as participações discursivas devem ser consideradas como similares aos recursos sociais (educação, emprego, moradia, assistência médica), pois esses recursos não são democraticamente distribuídos em sociedade, o que gera grupos discursivamente excluídos.

Neste sentido, o autor assevera que quanto “mais acesso se tem ao discurso, mais acesso se tem ao poder social. Em outras palavras, os modelos para se investigar o acesso discursivo podem ser indicadores fidedignos do poder social de grupos e seus membros” (Dijk 1991, p. 130).

Assim, a mídia atua como veículo de transmissão de informações, no entanto, algumas vezes, o discurso midiático representa os grupos dominantes e reforçam seus interesses. Embora o discurso da imprensa apele para a neutralidade, percebemos que os dominados são induzidos a conteúdos que mascaram o exercício de dominação, manipulação de poder pelos grupos dominantes.

## O GÊNERO CHÁRGICO E O CONTEXTO SOCIAL



Nery (1998, p. 71-72) afirma que, “para ser decodificada, a charge necessita manter uma relação estreita com o cotidiano e o universo cultural do leitor”. Os teóricos garantem que para a compreensão da charge há necessidade de entender o seu contexto histórico/temporal. Neste aspecto, Nery ainda assevera ser a charge “um tipo de registro da história que necessita, para uma interpretação aberta, estar relacionada aos eventos político culturais de seu tempo” (Nery, 1998, p. 87).

Considera Melo (2003, p. 162) que a charge é capaz de “influenciar um público maior que aquele dedicado à leitura atenta dos gêneros opinativos convencionais”. Segundo Melo, podemos denominar de gêneros opinativos convencionais quais sejam: o editorial, o artigo, a crônica e outros. Para confirmar a importância relegada à charge o referido autor explicita: “é que a imagem, na imprensa, motiva de tal modo o leitor e produz uma percepção tão rápida na opinião que se torna instrumento eficaz de persuasão” (Melo, 2003, p. 166).

Neste âmbito, o jogo de palavras e imagens que permeiam o gênero chárstico atua diretamente na construção do sentido. Para tanto, o leitor deve acionar o conhecimento prévio a fim de compreender o contexto refratado na charge.

O humor ambíguo e proposital que o caricaturista imprime à charge, ao retratar as crises que permeiam a sociedade, apresenta um caráter ideológico ao denunciar instantaneamente o contexto governamental, social ou individual, os quais remetem à cultura do país.

Os chargistas trabalham com o contexto da notícia e se utilizam das informações que circulam na mídia. Desse modo, faz-se necessário que os leitores/expectadores dos gêneros chársticos tenham conhecimento histórico-social das condições de produção destes gêneros com o intuito de alcançar a materialidade discursiva, perceber a crítica que está implícita e que tal fato



possibilite ao leitor um novo acesso, outro olhar. Todo discurso é ideológico, mesmo que se queira negar tal constituição.

As charges são publicadas nos jornais brasileiros desde o século XIX, no ano de 1808, com os pioneiros trabalhos de Manuel de Araújo Porto-Alegre, e tiveram destaque nesta área autores como Henrique Fleuiss, Rafael Bordalo, Ângelo Agostini, J. Carlos, Leônidas, Guevara, e, mais contemporaneamente, destacam-se: Pérciles, Henfil, Millôr Fernandes, Glauco e o próprio Angeli.

A *Folha de São Paulo* é um jornal que existe desde 1960, resultado da aglutinação entre os periódicos *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde*. A *Folha de São Paulo* sempre teve por linha editorial o liberalismo, de acordo com o próprio periódico e o Manual da Folha de São Paulo. Angeli publica suas charges no jornal desde 1973 e, tem sido, em suas palavras, “contra o humor a favor” (Revista Veja, 2006)”. O presidente do PT é personagem de uma coletânea que supera duas centenas de charges. As caricaturas do presidente foram produzidas desde o início do governo petista. No caso em tela, o material foi retirado do site: <http://www2.uol.com.br/angeli/chargeangeli/chargeangeli>.

O leitor precisa acionar alguns conhecimentos na leitura das charges, pois estes gêneros operam com ambiguidades, sentidos indiretos, implícitos e para compreendê-los o leitor/expectador precisa entender os sentidos suscitados no discurso. Todavia, para compreender o conteúdo transmitido na charge devemos entender a denúncia desenvolvida pelo chargista. O leitor deve interagir com autonomia textual para se apropriar dos sentidos produzidos. A charge apresenta uma linguagem social opinativa, cuja função é refletir posições, crenças e ideologias de um grupo ou instituição acerca de temas públicos, reconhecíveis e discutidos durante uma conjuntura.



O governo Lula iniciou em 2002 e, na visão dos que assumiam o poder, o povo brasileiro mostrava-se sequioso por ser governado por um político oriundo do Novo Sindicalismo e das classes populares.

## **ANÁLISE DAS CHARGES DE ANGELI**

O trabalho realizado pelo chargista consiste em uma forma de discurso que é espaço de manifestação de outros discursos e de ideologias, cujo intuito se refere à produção e reprodução, formação e informação. O gênero chárstico produz sentidos a partir de outros sentidos.

Nesta perspectiva, Angeli, por meio de suas crenças e ideologias, tecidas por diversos elementos dialógicos constituidores de sua relação com o mundo e consigo elabora charges que abstraem a realidade.

Para fins de análise, selecionamos duas charges, cujas temáticas remetem ao governo e ao presidente da República. A primeira logo após a posse, e a segunda data do dia 03/02/2003; portanto, ambas do início do governo Lula. As charges foram selecionadas por meio de pesquisas no site UOL, em que Angeli posta algumas charges produzidas para a Folha de São Paulo online.

O referido artigo tem por base uma pesquisa de Mestrado desenvolvida com um número maior de charges, porém se optou por apresentar apenas estas duas por questão da proximidade temporal e temática abordada.

Outros critérios utilizados para a seleção das charges, aqui analisadas, concernem em críticas ao Presidente Lula acerca de seu comportamento, seu modo de governar o país e críticas ao Programa Fome Zero, “menina dos olhos” do Governo.

**Silmara Siqueira Batistel**  
**Gustavo Biasoli Alves**



Sob esta lógica, temos a charge “Além do Horizonte”, cujo conteúdo apresenta crítica explícita ao Fome Zero e ao ar messiânico de Lula, herança da cultura política da Era Vargas e do Presidencialismo, em geral. Na charge “A Alma do Negócio”, também há crítica evidente ao Fome Zero ao salientar o caráter de muita propaganda e pouca ação. Este foi o percurso para a seleção das charges aqui estudadas sob o arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso.

Lula é tido como um redentor por grande parcela da população, sobretudo os mais carentes, por sua origem, por mostrar que se ele ascendeu ao poder, eles também o podem fazer, fato que reforça a esperança de que, se ele está “lá”, poderá “fazer alguma coisa pelos pobres”.



Como se pode perceber, na charge sob análise, Angeli apresenta a figura do “bom pastor”, retoma a imagem de Moisés. O personagem aparece vestido com manto e envolvido pela faixa presidencial, o que nos remete à figura “*santificada*” do presidente da República. Observe-se o cajado, que denota símbolo de poder, e a alusão ao povo faminto e miserável, tudo isto aliado ao discurso do “bom pastor”, do “*santo detentor do poder*” ou do presidente da República.

Desta forma, o chargista constrói uma cognição sobre o povo dominado pelo discurso e pela figura mitológica do presidente-“libertador”, cognição esta que Lula também tenta construir sobre si e seu governo e, utilizando-se do humor e do conhecimento de mundo do leitor, Angeli



busca um discurso que rompa com ela, ou que ao menos, provoque o leitor para que saia de uma posição de passividade com relação ao que o governo vem fazendo, posição esta que jamais chegará diretamente aos famintos retratados na charge, que não são leitores de jornais, tendo portanto, um pouco de contato com o discurso deste.

A imagem de Lula, na charge “Além do Horizonte”, também retoma Canudos, pois Lula atua como uma espécie de “salvador da pátria”, em quem o povo brasileiro aposta a resolução de todos os problemas e contradições existentes.

A Revolta ou Guerra de Canudos ocorreu no final do século XIX, sob a liderança de Antônio Conselheiro, que acreditava ser um enviado de Deus para acabar com as contradições sociais. As ideias de Conselheiro arrebanharam grande número de seguidores que acreditavam na libertação advinda das mãos de seu líder. O Nordeste brasileiro estava sob condições precárias, assolado pela fome, seca, miséria, violência e completo abandono por parte das autoridades. Cansados de perecer, a população mais carente encontra em Antônio Conselheiro uma possibilidade de Libertação (melhoria de suas condições de vida) e tornam-se aliados do beato.

Além das semelhanças entre os ideais da população e a manipulação de ambos os líderes, há também semelhanças físicas entre eles, pois os dois são barbudos e tem postura de liderança.

O título da charge nos remete à canção “Além do Horizonte”, cujo intérprete é o cantor Roberto Carlos. A letra da composição apresenta alguns trechos que se aproximam da proposta do governo e a imagem ainda retoma o texto bíblico de Números, capítulo 10, versículos 11-36, em que Moisés fala ao povo no deserto, pois, atrás da linha do horizonte deve estar Canaã, um lugar lindo e bom para se viver.

O cenário posto na charge conduz à inferência de que o espaço é o sertão, um espaço desolador que abriga a população mais carente. Desse modo, o humor aparece como artifício em uma crítica ao



posicionamento governamental que corrobora e introduz no discurso a raiz comunista<sup>3</sup> do chargista, o que se percebe na visão crítica e irônica sobre o Programa Fome Zero. Observemos a segunda charge selecionada e reparemos na questão apadrinhada de “quentinhas e cestas básicas”, originadas da campanha do governo Lula.



3/2/2003

Na segunda charge aparece uma família, (o que remete ao Bolsa Família). A família retratada na charge aguarda o resultado da tal política pública. A imagem retoma o estereótipo de miséria: família numerosa, mal vestida, fato que relembra a versão moderna e terceiomundista do quadro “Os Comedores de Batatas”, de van Gogh. No quadro, a figura do camponês que labuta/trabalha e encontra em um prato de batatas a energia para sobreviver e na charge, o brasileiro carente de recursos mínimos de sobrevivência, que aparece sob os holofotes do governo e de sua pátria na medida em que poderá comer! Esta é a visão da pobreza retratada na charge.

Ao cotejarmos os discursos veiculados nas charges “Além do Horizonte” e “A Alma do Negócio” concluímos que o mundo de quentinhas e cestas básicas, leia-se “Fome Zero”,

---

<sup>3</sup> Angeli é ex-militante do Partido Comunista, de acordo com a Revista Veja, de 26 de julho de 2006.



oferecido por Lula aos brasileiros mais carentes, não teve efetivação, pois há famílias aguardando ao resultado da propaganda. O enunciado ou título da charge “Alma do Negócio” nos remete a dois entendimentos: ou o de que deve haver muito marketing acerca do Fome Zero ou de que o Fome Zero é a alma do “negócio” de Lula.

A ideia de “mínimo necessário para sobreviver” e a ironia posta na charge no trecho “Tenha calma, mulher! A propaganda eles já lançaram, agora só resta criarem o produto!”, revelam a voz do chargista que denuncia. O enunciado tem início com o verbo no imperativo “tenha”, o que remete ao entendimento de que o esposo está mandando, ordenando a cônjuge que fique tranquila, fato acentuado pela exclamação. Ainda temos na sequência do enunciado o pronome “eles”, que nos conduz a inferência de que o pronome se refere ao governo e aos governantes, em sua totalidade.

A imagem construída nas charges ressalta a noção de “todo poderoso”, de manipulação. Neste sentido, o povo é constituído na charge como esmaecido, animalizado. Na charge “Além do Horizonte”, a noção de domínio, de desigualdade, de controle de parcelas da sociedade confere uma concepção do poder estabelecido via controle da mente. Por meio dos conceitos da Análise Crítica do Discurso, é possível perceber que os sujeitos são controlados para pensar, o que resulta do controle das instituições ou sujeitos sobre os outros (dominados).

Este fato nos é apresentado em ambas as charges, pois a população aguarda a efetivação do projeto de governo por acreditar em uma voz que confere afago, liderança e esperança. Conforme Dijk (1993), um grupo domina outro grupo se possui poder social sobre este e se pretende abusar deste poder em detrimento de seus próprios interesses.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modos como as estruturas de discurso produzem, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as relações de poder e de dominação que permeiam a sociedade são enfocados na Análise Crítica do Discurso, a qual procura explicar as estruturas discursivas, por meio da compreensão da interação e da estrutura social, portanto, vai além da mera descrição de estruturas.

Buscamos analisar, por meio dos pressupostos da Análise Crítica do Discurso, como as charges podem retratar formas de controle dos grupos menos poderosos. Ressaltamos que a Análise Crítica do Discurso serviu para desvendar pistas presentes nas charges estudadas, muitas das quais vinculadas a eventos públicos, ao conhecimento social, às crenças e ideologias do público em geral.

Uma leitura atenta das charges serve para verificação de controle por intermédio de uma espécie de regulação de acesso ao discurso, principalmente no que diz respeito à mídia destinada às massas. Percebe-se que a ironia posta em cena por Angeli retrata grupos dominantes que controlam conteúdos a serem veiculados na mídia e as formas de acesso mais ou menos passivo.

Sendo assim, o presente estudo permite compreender como as relações de Poder, Hegemonia, Ideologia, Controle, Domínio e Acesso são evidenciadas por meio das charges políticas de Angeli, pois incorporam contradições sociais existentes e confirmam que todo discurso é ideológico em sua essência. Percebe-se ênfase nas políticas assistencialistas, que garantem hegemonia perante a população mais carente, pois as charges revelam em sua materialidade linguística um conteúdo de crítica e de desconstrução do discurso do governo sobre si por meio do humor, que remonta a uma característica marcante do discurso político oficial, que se volta para a santificação e constituição genérica de governo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gustavo B. Estado, Desenvolvimento e Democracia. In: AMORIM, Maria Salete S. **Democracia e Participação: Dimensões do Neoliberalismo e da Globalização**. Porto Alegre. Escritos, 2008.

ALVES, Gustavo B. **JORNAIS DE SÃO PAULO: A CRISE DA POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL VISTA POR SEUS EDITORIAIS (1989-1993)**. Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara. 1997.

CAPELATO, M. H. *Os arautos do liberalismo. Imprensa paulista : 1920-1945*. São Paulo : Brasiliense. 1989.

DIJK, Teun A. van. **Notícias e Conhecimento**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Volume II, nº 2, 2º semestre de 2005.

\_\_\_\_\_. **Discurso Y manipulación: Discusión teórica y algunas aplicaciones**. Revista Signos. Universidade Pompeu Fabra. España, 2006.

\_\_\_\_\_. **Discurso, Poder y Cognición Social**. Conferências de Teun A. van Dijk. Cuadernos. nº 2, Año 2. Octubre de 1994. Maestría en Lingüística. Escuela de Ciencia del Linguaje y Literaturas.

\_\_\_\_\_. **Discurso, Cognición y Sociedad**. Signos. Teoría y práctica de la educación. Octubre-Diciembre de 1997.

\_\_\_\_\_. **Estructuras textuales de las noticias de prensa**. Análisi. Quaderns de comunicació i cultura, 7/8, Março, 1983.

\_\_\_\_\_. **Discurso y Dominación**. Universidad Nacional de Colombia. Sede Bogotá. Facultad de Ciencia Humanas. Grandes Conferencias en la Facultad de Ciencias Humanas, nº 4, Febrero de 2004.

Silmara Siqueira Batistel  
Gustavo Biasoli Alves



\_\_\_\_\_. **Discurso, poder y acceso.** A trabe de Ouro (Santiago de Compostela), Tomo IV, 1993.

\_\_\_\_\_. **El análisis crítico del discurso.** In Anthropos (Barcelona), 186, septiembre-octubre, 1999.

\_\_\_\_\_. **Opiniones y ideologias en la prensa.** Voces y culturas, (10, II Semestre, 1996).

\_\_\_\_\_. **Discurso e poder** / Teun A. van Dijk; Judith Hoffnagel, Karina Falcone, organização. 2. Ed.- São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Edilaine Gonçalves. **Charge: uma abordagem parodística da realidade.** Dissertação - Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Três Corações, 2006.

LAGO, Pedro Côrrea. **Caricaturistas Brasileiros 1836-2001.** Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

Manual de Redação: Folha de S.Paulo: Publifolha, 2008.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** São Paulo: Mantiqueira, 2003.

NERY, João Elias. **Charge e caricatura na construção de imagens públicas.**1998. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

ZOPPI-FONTANA.Monica.G **Cidadãos Modernos: discurso e representação política.** Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997

## PERIÓDICOS

**Revista Veja.** Edição 1966. 26 de julho de 2006, com reportagem de Renata Peña.

Site: <http://www2.uol.com.br/angeli/chargeangeli/chargeangeli>. Acesso em 03/01/2009